

Artigo

A simbologia da revolta em *Germinal* (1885) de Émile Zola¹

The symbolism of rebellion in *Germinal* (1885) by Émile Zola

Kassandra Naely Rodrigues dos Santos¹ , Milena Hoffmann Kunrath¹ 

¹ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa o romance *Germinal* (1885), de Émile Zola, a partir do conceito de revolta desenvolvido por Furio Jesi, dialogando também com o pensamento marxista e os princípios do naturalismo científico. A narrativa da greve dos mineiros de Montsou é interpretada como um processo que transita entre tentativa de revolução e ato de revolta, revelando a tensão entre planejamento coletivo e impulsos insurrecionais. Através da desumanização simbólica do inimigo, do apagamento das individualidades e da formação de um herói coletivo, o romance evidencia como a insurreição adquire uma dimensão simbólica e ideológica. Além disso, analisa-se o papel do determinismo social e hereditário na construção dos personagens, especialmente Étienne Lantier, que encarna as contradições entre liderança, transformação política e vaidade pessoal. Por fim, discute-se como o fracasso material da greve não apaga os efeitos simbólicos e sociais da revolta, apontando para uma consciência coletiva emergente.

Palavras-chave: Émile Zola; *Germinal*; Naturalismo; Revolta; Revolução

ABSTRACT

This article analyzes Émile Zola's novel *Germinal* (1885) through the lens of Furio Jesi's concept of revolt, also engaging with Marxist thought and the principles of scientific naturalism. The miners' strike in Montsou is interpreted as a process that oscillates between an attempted revolution and an impulsive revolt, highlighting the tension between collective planning and insurrectional spontaneity. By examining the symbolic dehumanization of the enemy, the erasure of individuality, and the emergence of a collective hero, the novel reveals how insurrection acquires ideological and symbolic dimensions. The article also discusses the role of social and hereditary determinism in the construction of characters—particularly Étienne Lantier, who embodies the contradictions of leadership, political transformation, and personal ambition. Finally, it argues that although the material failure of the strike is evident, its symbolic and social consequences endure, fostering a growing collective consciousness.

Keywords: Émile Zola; *Germinal*; Naturalism; Rebellion; Revolution

¹ Este artigo deriva de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no âmbito da tese de doutorado intitulada "O discurso científico e a representação do indivíduo e do coletivo: Uma análise literária de *Les Rougon-Macquart*, de Émile Zola", defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas em 2025.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Paris do século XIX, assim como parte da Europa, passava por transformações políticas, sociais e urbanísticas, consolidando-se como um centro urbano próspero e como espaço da burguesia em ascensão. Esse panorama histórico de revoluções, que influenciaram a história e deixaram impactos na maneira de viver dos indivíduos, é abordado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (1977), que, resumidamente, defende que a Revolução Industrial, iniciada por volta de 1780, foi responsável pela transformação econômica do poder produtivo. Essa mudança refletiu no aumento da demanda de trabalhadores braçais e, conseqüentemente, na migração de camponeses para as áreas urbanas ou para regiões específicas de extrações de matéria-prima, formando grupos sociais que partilhavam o mesmo objetivo: a luta diária pela sobrevivência por meio do trabalho.

Nesse mesmo período histórico, outra revolução que marca uma ruptura na história da França é a Revolução Francesa, responsável por transformar a política e a ideologia não apenas do país, mas também por influenciar movimentos revolucionários posteriores em diversas partes do mundo, entre eles, o surgimento e a expansão de movimentos de luta de classes, protagonizados por grupos sociais prejudicados pelo cotidiano de exploração e miséria, que se uniam em busca de melhores condições de vida.

Motivado a expor a realidade dos trabalhadores das minas de carvão, o francês Émile Édouard Charles Antoine Zola (1840 – 1902), fundador e defensor do movimento estético literário naturalista, escreveu, em 1885, o décimo terceiro romance da série *Les Rougon-Macquart: Histoire Naturelle et Sociale d'une Famille sous le Second Empire* (1871 – 1893), intitulado *Germinal* (1885), no qual retrata, de maneira próxima à realidade, a vida miserável dos operários das minas de carvão na cidade de Montsou. Tratava-se de pessoas que viviam em péssimas condições de trabalho, sem perspectiva de melhora, visto que a atividade de extração de carvão, além de exaustiva, fazia parte da

tradição familiar, transmitida de geração em geração. Como consequência, esse grupo foi impulsionados à organização de uma greve trabalhista, cujo ápice narrativo se dá no confronto direto entre os trabalhadores e a polícia.

O teórico italiano Furio Jesi, em seu livro póstumo *Spartakus: Simbologia da Revolta*, discorre sobre os conceitos de “revolta” e “revolução”. Para ele, embora ambos tenham por objetivo a busca pelo poder, a diferença entre os dois reside na experiência divergente do tempo: enquanto a revolta é caracterizada como um atopositor repentino, sem estratégia a longo prazo, a revolução implica movimentos coordenados e estratégicos, orientados por objetivos finais bem definidos.

À vista disso, é possível interpretar que, no romance *Germinal* (1885), a organização da greve representa uma tentativa de revolução, ao passo que o confronto direto com a polícia simboliza a revolta.

Em paralelo à construção da saga literária *Les Rougon-Macquart*, Émile Zola consolidou sua perspectiva estética ao publicar *O Romance Experimental* (1880), obra teórica em que defende a aplicação do método científico à literatura, inspirando-se, principalmente, nas ideias do médico Claude Bernard.

Nesse livro, Zola propõe uma escrita literária naturalista fundamentada na observação e na experimentação dos fenômenos humanos e sociais, buscando compreender as ações humanas sob a ótica do determinismo social e hereditário. Assim, o escritor naturalista assume a função de um cientista que observa, registra e descreve personagens inseridos em determinadas condições sociais e hereditárias, desmontando e analisando a “máquina humana” em interação com o meio social, com o objetivo de compreender e transformar a sociedade.

No romance *Germinal* (1885), essa abordagem científica manifesta-se essencialmente por meio de descrições marcadas pela precisão analítica científica e da aplicação do determinismo, tanto o hereditário, representado na figura de Étienne Lantier, quanto o social, observado na família dos Maheu, em que as personagens estão submetidas a forças que as moldam.

2 A REVOLTA E A REVOLUÇÃO EM *GERMINAL* (1885)

O movimento estético literário naturalista, considerado uma vertente do realismo, teve como função social e histórica apresentar uma análise da sociedade por meio da exposição do cotidiano dos grupos sociais até então ignorados. Seu precursor foi o escritor francês Émile Zola (1840 – 1902). E a literatura produzida no naturalismo criticava de forma severa as estruturas sociais, direcionando seu olhar para as classes desfavorecidas e apresentando o homem em constante conflito com o meio social.

Por esse motivo, escritores naturalistas eram entusiastas da verossimilhança aliada a uma visão pessimista do indivíduo e da sociedade, expressa através da exposição dos vícios, caracteres e virtudes do homem e da vulnerabilidade humana diante das forças sociais. Segundo o crítico literário brasileiro Antônio Candido (1991):

(...) para o naturalismo a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito e face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam construir o seu próprio texto (Candido, 1991, p.111).

Influenciado por uma forte visão positivista, que defendia o conhecimento científico como verdadeira e única forma legítima de conhecimento, Émile Zola também foi marcado por correntes ideológicas populares no século XIX, como o evolucionismo, o socialismo e, principalmente, por duas teorias científicas que impactaram diretamente sua produção literária. A primeira delas é a teoria determinista dos três fatores, advinda do historiador Hippolyte Taine (1828 – 1893), que negava a existência do livre-arbítrio e afirmava que as atitudes e reações dos indivíduos estavam condicionadas a fatores pré-determinados como a raça, o momento histórico e o meio social. A segunda é a teoria da hereditariedade genética, inspirada na medicina experimental do médico Claude Bernard (1813 – 1878), que,

ao ser transposta para a literatura naturalista, sugeria que os indivíduos podiam “herdar” características psicológicas e até mesmo os vícios de seus antecessores:

Para Zola, como para a ideologia científica e socialista em geral, o homem é um ser cujas qualidades são condicionadas pelas leis da hereditariedade e do ambiente, e, no seu entusiasmo pelas ciências naturais, vai até ao ponto de definir naturalismo no romance simplesmente como aplicação do método experimental à literatura (Hauser, 1980, p. 967).

As teses literárias de Zola já vinham sendo debatidas por seus contemporâneos, o que o impulsionou a publicá-las em sua obra teórica *O Romance Experimental* (1880). Nesse livro, ele sistematiza em termos conceituais as técnicas que já vinha aplicando em seus romances, transpondo o método científico para a literatura e reafirmando sua crença na ciência e na validade do determinismo como princípio explicativo da condição humana.

Para Zola, o escritor de uma narrativa de cunho naturalista cumpria a função de analisar as personagens em sua ação individual e coletiva, de maneira semelhante à de um cientista. Entretanto, esse processo de transformação entre sujeito e sociedade seria recíproco, uma vez que o meio influenciaria o indivíduo, ao mesmo tempo que este influenciaria o meio:

Assim sendo, quando em nossos romances fazemos experiência sobre uma ferida grave que envenena a sociedade, procedemos como o médico experimentador: tentamos encontrar o determinismo simples inicial, para chegar depois ao determinismo complexo cuja ação ocorreu em seguida (Zola, 1982, p.51).

À vista disso, o escritor dedicava-se ao estudo de grupos sociais, pois acreditava que o indivíduo podia ser analisado a partir do contexto em que estava inserido, e que sua posição social só poderia ser compreendida em relação à sociedade.

Assim, o trabalho com a coletividade servia para reforçar a teoria adotada por ele, o Determinismo Social, segundo a qual o meio exerce influência decisiva sobre o homem.

Com a finalidade de comprovar suas teses relacionadas à escrita de romances, Émile Zola concebeu a saga literária *Les Rougon-Macquart: Histoire Naturelle et Sociale d'une Famille sous le Second Empire* (1871 – 1893), um projeto que levou vinte e cinco anos para ser concluído cujo principal objetivo era realizar uma análise psicológica e social das personagens, ainda mais próximas das teorias “claude-bernardiana” ligadas à medicina experimental. Segundo a pesquisadora Salette de Almeida Cara (2009), os romances de Zola possuem sentido completo tanto de forma individual quanto em coletividade, sendo interligados em sua totalidade no ciclo *Rougon-Macquart*:

Tomando o ciclo dos Rougon-Macquart como um conjunto. Nele a divisão do trabalho, da vida social e das classes estão expostas pela sua própria separação em cada um dos romances que o compõem, todavia ligados pelos mesmos fundamentos modernos. Desse modo Zola apreendia, como um problema, a totalidade fragmentada do mundo do capital. E sua narrativa alcança um máximo rendimento ficcional porque tem, como referência, a herança mais radical do romance anterior, respondendo dessa maneira ao desafio formal de apresentar criticamente a totalidade da experiência do seu tempo (Cara, 2009, p. 14).

A obra completa *Les Rougon-Macquart* reúne vinte volumes que, juntos, compõem um vasto panorama social da trajetória de uma família francesa, narrando desde sua ascensão até sua decadência. De acordo com Otto Maria Carpeaux (2012), o projeto foi inspirado em *La Comédie Humaine*, de Honoré de Balzac, especialmente em sua estrutura narrativa distribuída por núcleos temáticos. Assim, parecido a Balzac:

(...) o ciclo de Zola constitui um panorama em movimento, um imenso romance histórico que não podia ser só um romance porque compreendendo a sociedade inteira, e sim um ciclo de romances históricos, vindo do passado, (...), e correndo para o futuro desastroso como a locomotiva em *La bête humaine* (Carpeux, 2012, p. 280).

O romance *Germinal*, escrito em 1885, é considerado o ápice da série *Rougon-Macquart*. Na narrativa, Zola apresenta um retrato da situação precária de miséria e exploração sofrida por trabalhadores das minas de carvão na fictícia cidade de Montsou, no interior da França. Após anos de submissão a um trabalho braçal exaustivo e mal remunerado, esses operários começam a tomar consciência das injustiças a que estão submetidos. Incentivados e liderados por Étienne Lantier, descendente dos Macquart, organizam uma greve trabalhista com o objetivo de obter melhores remunerações e condições dignas de trabalho.

Ao abordar essa temática, Zola realiza, neste romance, uma incisiva denúncia social ao retratar as condições degradantes de vida e trabalho da classe operária no século XIX. O autor explora com profundidade questões sociais de sua época, tendo como um dos principais focos narrativos a exploração nas minas de carvão, realidade marcada por jornadas exaustivas, remunerações insuficientes, acidentes constantes e a presença alarmante do trabalho infantil, entre outros problemas sociais.

O romance também evidencia o embate entre trabalhadores e patrões, denudando uma forte luta de classes que culmina na greve dos mineiros, expressão máxima da tensão entre o sofrimento coletivo e o lucro capitalista.

Para a pesquisadora Salete de Almeida Cara (2009, p. 82), o período de escrita desse romance foi marcado pelo início de um olhar mais atento às questões trabalhistas, uma vez que, entre 1864 a 1870, Napoleão III passou a adotar medidas liberais voltadas à melhoria das condições de trabalho. Entre essas medidas, destacam-se a promulgação da lei que legalizava as greves, a reforma no Código Civil que previa a igualdade legal entre trabalhador e empregador, e a criação de cargos de inspetores com a função de solucionar problemas trabalhistas.

Segundo Furio Jesi (2018), historicamente as artes puderam servir como forma de manifestação política, sobretudo quando expunham visões ideológicas antagônicas do senso comum vigente. Nesse sentido, Jesi afirma: “(...) a tarefa de “fazer servir à causa revolucionária proletária grande parte da literatura mundial, do

mesmo modo como toda a história universal foi utilizada para a propaganda política, e para difundir a ideia da luta de classes”” Jesi (2018, p. 58).

Desse modo, o tema central de *Germinal* (1885) é inspirado em acontecimentos reais ocorridos na França do século XIX, período em que os movimentos sociais e políticos protagonizados pelo proletariado eram recorrentes no debate público e se refletiam nas artes em geral:

O assunto é de uma dramática atualidade: em 1878, uma greve é deflagrada em Anzin; outra eclode em 1884. O movimento operário despertou, na França, com a chegada dos republicanos ao poder, a volta dos *communards* e o Congresso Operário de Marselha, em 1879, que deu origem a um Partido Operário. (...) Socialismo, comunismo e anarquismo, niilismo tornou-se as assombrações do fim do século XIX.” (Winock, 2006, p. 733).

Nesse contexto, para escrever *Germinal* (1885), Zola iniciou, um ano antes da publicação do romance, uma pesquisa de campo nas minas de carvão da região de Anzin, com o objetivo de conhecer de perto o cotidiano e o ambiente dos trabalhadores das minas de carvão. Por meio desse processo investigativo, foi capaz de descrever com detalhes diversos aspectos da realidade operária: o trabalho exaustivo e insalubre, a falta de higiene, a promiscuidade das moradias, os pagamentos insuficientes, a fome, a revolta e, por fim, a organização de uma greve. Segundo Rocha *et al.* (2016):

O caderno de pesquisas de Zola contém também diversos mapas e esquemas sobre as minas, desenhados por ele e por terceiros, o depoimento de outro engenheiro chamado Lévy, extensas anotações sobre todas as coisas que observou e escutou durante sua estada na região. A abundância de notas é tamanha, que o dossiê de preparação é maior que o próprio livro Zola (1986), cuja primeira edição foi publicada em março de 1885 (Rocha *et al.*, 2016, p. 69).

Logo no início da narrativa, Étienne Lantier, filho de Gervaise Macquart, chega a Montsou em busca de trabalho e conhece Vincent Maheu, o Boa-Morte, membro mais velho da família Maheu. Por meio dele, Étienne é apresentado ao restante da família. O trabalho nas minas de extração de carvão é transmitido de geração em geração, como parte de uma tradição familiar enraizada.

Esse determinismo, presente no romance, manifesta-se tanto no aspecto socioeconômica quanto no hereditário, impossibilitando os descendentes dos operários de exercerem o livre-arbítrio ou de nutrirem perspectivas de ascensão social.

A família trabalha para a Companhia das Minas de Montsou desde sua criação; e isso datava de muito tempo, já fazia 106 anos. Seu antepassado Guillaume Maheu, um garoto então com quinze anos, encontrara carvão em Réquillart, a primeira mina da companhia, um velho poço hoje abandonado, lá longe, perto da refinaria de açúcar Fauvelle. Todo mundo na região sabia disso, a prova era que o veio descoberto se chamava jazida Guillaume por causa do nome de seu avô. Ele não o conhecera, segundo lhe contaram, era um homem gordo, muito forte, que morreu de velhice aos sessenta anos. Depois, seu pai, Nicolas Maheu, chamado de o Ruivo, foi soterrado com apenas quarenta anos na Voraz, que escavavam na época; um desmoronamento o esmagou, as rochas beberam seu sangue e engoliram seus ossos. Mais tarde, dois de seus tios e seus três irmãos também sucumbiram lá dentro. Ele, Vincent Maheu, que havia se salvado mais ou menos inteiro, somente as pernas em mal estado, ficara conhecido como um mineiro astucioso. Afinal, o que se podia fazer? Era preciso trabalhar. Aquela atividade passava de pai para filho, como poderia ter sido de outro modo? Seu filho, Toussaint Maheu, agora sofria lá dentro, e seus netos e todos que moravam ali na frente, na aldeia operária. Eram 106 anos de extração mineral para o mesmo patrão, os fedelhos substituindo os velhos. E então? Muitos burgueses não seriam capazes de contar tão bem a sua história! (Zola, 2012, p. 17 e 18).

Trabalhando apenas para sobreviver e habituados a condições de extrema precariedade, os operários só começam a perceber com mais clareza as injustiças a que estão submetidos quando se deparam com uma súbita redução salarial. Inconformado com essa realidade injusta, Étienne Lantier, junto a outros trabalhadores, organiza uma greve em busca de melhores condições de vida e de remuneração.

O romance expõe como os trabalhadores, antes vistos apenas como um grupo economicamente desprivilegiado que se opunha à opressão da burguesia, passam a se constituir como uma nova classe social: a “classe dos operários. Essa nova classe começa a reivindicar direitos trabalhistas por meio de movimentos e ações organizadas. Para Hobsbawm (1977):

Os “pobres” não mais se defrontavam com os “ricos”. Uma classe específica, a classe operária, trabalhadores ou proletariado, enfrentava a dos patrões ou capitalistas. A Revolução Francesa deu confiança a esta nova classe; a revolução industrial provocou nela uma necessidade de mobilização permanente (Hobsbawm, 1977, p. 230).

A formação desses novos grupos sociais, estruturados pela união de indivíduos com um mesmo propósito, influenciou diretamente na transformação individual de cada membro, ao mesmo tempo que possibilitou a construção de uma identidade coletiva. Do mesmo modo, o indivíduo também pode exercer influência sobre o grupo, contribuindo para a redefinição de sua identidade. Assim, a organização coletiva oferece potência e força tanto sobre cada sujeito que a compõe quanto na capacidade de enfrentar o adversário, seja indivíduos, classes sociais ou sistemas inteiros.

O romance *Germinal* (1885) registrou, no campo literário, o contexto histórico do século XIX, marcado por lutas em favor de maior igualdade social, influenciadas por ideais marxistas. Nesse sentido, a narrativa mostra que o objetivo da mobilização dos mineradores não se limitava a uma simples troca de posição no poder, mas sim à formulação de discursos mais profundos contra a hierarquia social e política vigente, que ganham potência com as consequências desencadeadas pela greve:

Era preciso se envolver, senão a injustiça seria eterna, os ricos chupando o sangue dos pobres. Ele [Étienne] tampouco perdoava sua tolice de ter dito antes que deviam banir a política da questão social. Era um ignorante na época, mas depois disso tinha lido e estudado. Agora suas ideias estavam maduras, podia se gabar de dispor de um sistema. Entretanto, ele explicava mal, com frases que possuíam de forma confusa um pouco de todas as teorias abordadas e sucessivamente abandonadas. No topo, mantinha-se em pé a ideia de Karl Marx: o capital era resultado da espoliação, o trabalho tinha o dever e o direito de reconquistar essa riqueza roubada. Na prática, ele se deixara de início, como Proudhon, seduzir pela quimera do crédito mútuo, de um imenso banco de troca, que suprimiria os intermediários; depois, apaixonou-se pelas sociedades cooperativas de Lassalle, doadas pelo Estado, transformando aos poucos a terra em uma só cidade industrial, até o dia que ficou desgostoso diante da dificuldade de controle; e gradativamente chegara ao coletivismo, que exigia que todos instrumentos de trabalho fossem devolvidos à coletividade. Mas isso ainda estava vago, ele não sabia como realizar esse novo sonho, impedido ainda pelos escrúpulos de sua sensibilidade e de sua razão, não ousando arriscar as afirmações absolutas dos sectários. Era preciso dizer que, antes de tudo, tratava-se simplesmente de tomar o governo. Em seguida, eles veriam (Zola, 2012, p. 242).

Contudo, o indivíduo, mesmo inserido em um grupo social, não anula seus interesses individuais. O resultado é a presença de conflitos por liderança. Ainda que atuem em nome de um coletivo, os interesses individuais tendem a sobressair. Essa personalidade de liderança está presente em Étienne Lantier, personagem inspirado em pessoas reais contemporâneas a Zola e que seguiam os ideais do filósofo socialista alemão Karl Marx (1818 – 1883). Lantier transforma-se em uma referência para seu grupo ao encantá-lo com discursos que revelam uma injustiça estrutural da sociedade e proporcionam a esperança de igualdade e de melhoria de vida:

Com sua voz escaldante, ele falava sem parar. Era como se o horizonte cerrado arrebatasse de repente, uma brecha de luz se abrindo sobre a vida sombria daquela pobre gente. O recomeço eterno da miséria, o trabalho brutal, aquele destino de bicho que dá sua lã e que é sangrado, toda a infelicidade desaparecia, como se varrida por um intenso raio de sol; e, num deslumbramento feérico, a justiça descia do céu. Visto que o bom Deus estava morto, a justiça garantiria a felicidade dos homens, fazendo reinar a igualdade e a fraternidade. Uma nova sociedade nascia em um só dia, assim como nos sonhos, uma cidade imensa, de um esplendor de miragem, na qual cada cidadão vivia de seu trabalho e participava dos prazeres comuns. O mundo velho e pobre desabara em pó uma humanidade jovem, purgada de seus crimes, formava um único povo de trabalhadores, cujas divisa era: a cada um segundo seu mérito, e a cada mérito segundo suas obras. E pouco a pouco esse sonho se ampliava, se embelezava, ainda mais sedutor por almejar o ponto mais alto do impossível (Zola, 2012, p. 173).

Assim, ao longo da narrativa, observa-se uma nítida transformação em Étienne, à medida que ele conquista voz e ascensão hierárquica entre os trabalhadores da mina de carvão. Segundo Mitterand (2012), Zola:

(...) pouco a pouco, atribui a Étienne um papel de educador e de porta-voz. A partir daí, não há mais necessidade de um segundo personagem da Internacional. É Étienne que se tornou o “chefe”, é ele, e não mais Rasseneur, que será secretário da caixa de assistência, é ele, e não mais o nebuloso delegado da Internacional (o qual é remetido a um papel secundário, o personagem de Pluchart), que pronunciará o discurso da floresta de Vandame. Trata-se de uma pequena revolução estrutural na gênese do romance (Mitterand, 2012, p. 535).

Aos poucos, revela-se em Lantier uma personalidade de liderança, que aflora à medida que o personagem percebe sua influência sobre os demais membros do grupo, levando-o a repensar sua relação com a sociedade ao compreender também que poderia transformá-la:

A partir de então, produziu-se em Étienne uma lenta transformação. Instintos de refinamento e de bem-estar, adormecidos em sua pobreza, despertaram, fazendo com que comprasse roupas de tecido melhor. Adquiriu um par de boas botas, e logo assumiu o comando, toda a aldeia se reunindo ao redor dele. Aquilo lhe trouxe a deliciosa satisfação da autoestima, inebriando-o com sua jovial popularidade: estar à frente dos outros, liderar, logo ele que até pouco tempo era um operado desqualificado. Isso o enchia de orgulho, aumentando seu sonho de uma revolução próxima, na qual desempenharia um papel importante. Seu rosto mudou, tornou-se grave, agradava-lhe escutar a própria voz; sua ambição recente inflamava suas teorias, levando-o às ideias de combate (Zola, 2012, p. 176).

Contudo, o ego de Étienne ainda o levava a entrar em conflito com seu grupo, sendo a rivalidade pelo poder especialmente evidente na tensão constante com Chaval, seu principal antagonista ao longo do romance, um embate que só se resolve com o confronto direto que culmina na morte deste último. Esse assassinato, por sua vez, não apenas representa o desfecho de um conflito pessoal, mas também concretiza as consequências hereditárias que afetam Étienne, pois, mesmo repudiando o álcool, ele carrega em seu sangue a marca da herança familiar:

Inclinado e com os olhos esbugalhados, Étienne o observava. Pois então, estava feito; ele o matara. De modo confuso, todas as suas brigas voltaram à sua lembrança, aquele combate inútil contra o veneno que dormia nos seus músculos; o álcool lentamente acumulado de sua gente. Mas naquele momento só a fome o inebriava, o alcoolismo remoto de seus pais ainda corria-lhe nas veias (Zola, 2012, p. 502).

Assim, o crime é interpretado como uma manifestação dessa herança patológica, ou seja, um veneno adormecido nos genes da família Macquart, ecoando tanto no destino de Étienne Lantier, quanto na trajetória de seus três irmãos: Claude Lantier, Jacques Lantier e Anna Cuopeau.

O personagem de Étienne cumpre na narrativa funções contratantes de herói e anti-herói, pois, durante o confronto entre os grupos sociais, é visto pelos patrões como um líder anarquista, ao mesmo tempo, consegue envolver e encantar seus companheiros convencendo-os, por meio de seu discurso progressista, a lutar por mais direitos, tornando-se um dos líderes do movimento grevista.

O planejamento de uma greve em *Germinal* (1885) é uma ação coordenada com objetivos específicos, podendo, assim, ser interpretada como uma tentativa de revolução. Para Jesi, a revolução tem como característica principal uma organização constituída por objetivos finais e inclusa no tempo histórico:

A palavra “revolução” designa corretamente todo o complexo de ações de longo e curto prazo que são realizadas por quem é consciente de querer mudar *no tempo histórico* uma situação política, social, econômica, e elabora os próprios planos táticos e estratégicos considerando constantemente no tempo histórico as relações de causa e efeito, na mais longa perspectiva possível (Jesi, 2018, p. 69).

No entanto, com o prolongamento da greve, que se estende por mais de dois meses, muitas famílias acabam afundadas na miséria extrema, em que adultos e crianças morrem em decorrência da fome e do frio:

Mas agora todos os recursos se esgotavam, os mineiros não tinham mais dinheiro para sustentar a greve, e a fome estava ali, ameaçadora. Maigrat, depois de prometer um crédito de uma quinzena, mudou de ideia repentinamente oito dias depois e cortou o subsídio. Normalmente, ele seguia as ordens da companhia; e ela talvez desejasse acabar com aquilo de uma vez, matando de fome as aldeias operárias. (...). Para completar a miséria, começava a esfriar bastante, as mulheres viam diminuir seu estoque de carvão, aflitas e cientes de que não seriam reabastecidas na mina enquanto os homens não voltassem ao trabalho. Não bastava morrerem de fome, agora morreriam também de frio (Zola, 2012, p. 228).

O clímax da narrativa ocorre quando o grupo de operários em greve, desesperado diante de tantas desgraças e dominado pela raiva, destrói algumas minas de carvão ainda ativas, confronta os trabalhadores que não aderiram ao movimento e, posteriormente, enfrenta diretamente a polícia em um ato de insurreição, o que resulta na morte de diversos trabalhadores, entre eles Toussaint Maheu, o principal provedor da família Maheu. Esse confronto, por ter caráter impulsivo e não previamente planejado, pode ser compreendido como um ato de revolta.

Jesi (2018, p.92) entende que o impulso da revolta, sobretudo por parte de trabalhadores oprimidos em um sistema capitalista, não deriva apenas da condição social que lhes é imposta, mas também surge da união de frustrações individuais privadas que não necessariamente estão articuladas com os interesses do coletivo. Em *Germinal* (1885), isso se torna evidente, pois, embora façam parte de um movimento coletivo, cada família lida com dificuldades particulares resultantes do sistema opressor, as quais as impulsionam à insurreição.

A revolta, portanto, caracteriza-se por uma ação extrema e repentina, em que não há planejamento estratégico, mas sim uma suspensão do tempo histórico. Durante a insurreição, estabelece-se uma dialética interna entre o “tempo individual” e o “tempo coletivo”, colocando os participantes em um “tempo outro”, marcado por experiências distintas daquelas vividas no “tempo normal”:

É possível descrever toda revolta como uma suspensão do tempo histórico. A maior parte daqueles que participam de uma revolta escolhem comprometer sua própria individualidade em uma ação cujas consequências não sabem e nem podem prever. No momento do confronto, só uma minoria é consciente de todo o desenho estratégico em que esse confronto se coloca (se é que esse desenho existe), como de uma precisa, mesmo se hipotética, concatenação de causas e efeitos (Jesi, 2018, p. 70).

Ainda para Jesi, o indivíduo é quem está localizado às margens da sociedade e é atraído para o centro, ocupado pelo coletivo. Assim, na revolta, a individualidade é comprometida em função da coletividade, transformando-se numa batalha entre grupos antagonistas da qual se escolheu participar:

A batalha entre o bem e o mal, entre sobrevivência e morte, entre vitória e derrota, em que cada um está todos os dias comprometidos como indivíduo, identifica-se com a batalha de toda a coletividade; todos têm as mesmas armas, todos afrontam os mesmos obstáculos, o mesmo inimigo. Todos experimentam a epifania dos mesmos símbolos: o espaço individual de cada um, dominado por seus símbolos pessoais, o refúgio do tempo histórico que cada um encontra na própria simbologia e na própria mitologia individual, amplia-se e se torna o espaço simbólico comum para toda uma coletividade, o refúgio do tempo histórico onde toda uma coletividade encontra escapatória (Jesi, 2018, p.70).

Em *Germinal* (1885), ocorre essa substituição do “herói individual” pelo “herói coletivo”, o que resulta no apagamento da individualidade dos personagens em favor de uma generalidade social. Em outras palavras, há uma sobreposição dos conflitos entre grupos sociais sobre os conflitos individuais: não existem personagens protagonistas, mas sim grupos sociais que passam a exercer essa função protagonista.

Já o confronto direto da revolta é repleto de simbologias ideológicas percebidas pelos envolvidos. Esses símbolos que “(...) constituem, antes de tudo, o rosto do inimigo contra o qual se produz a insurreição: rosto que pode se tornar, de várias maneiras, tão provocador a ponto de poder determinar o movimento do mecanismo insurrecional” Jesi (2018, p. 90). Isto posto, a luta contra o inimigo ultrapassa o espaço físico: ela se transforma em uma luta contra aquilo que esse inimigo simboliza, uma batalha entre grupos antagônicos, o “bem” contra o “mal”, independentemente do lado político em que os grupos se posicionem.

Durante a insurreição, o inimigo é desumanizado, tornando-se um ser monstruoso a ser combatido. Por sua vez, os revoltosos se veem como homens virtuosos e leais, prontos a se sacrificarem por uma causa maior: “(...) reconhecer no inimigo o demônio, no patrão o “monstro”, pode determinar uma singular e perigosa sensação de força mesmo quando as relações de força militar, organizativa e econômica estão fortemente em desvantagem Jesi (2018, p.106). É justamente no coletivo que cada manifestante se sente mais fortes.

No momento da insurreição em *Germinal* (1885), os trabalhadores, como forma de protesto, atacam as minas de carvão com o objetivo de destruí-las, o que simboliza um o ataque contra anos de trabalho sub-humano, opressor e hereditário:

E, enfurecidos por não terem o rosto de nenhum traidor para esbofetear, atacaram os objetos. Um abcesso de rancor se rompia dentro deles, um abcesso envenenado, que crescera lentamente. Anos e anos de fome os torturavam com um desejo ardente de massacre e destruição (Zola, 2014, p. 336).

A narrativa termina com operários sobreviventes da greve e do confronto retornando ao trabalho nas minas de carvão, vencidos pela fome, pelo frio, mas, principalmente, pela perda de familiares, o que confirma o determinismo social que sempre os impossibilitará de exercer plenamente o livre-arbítrio e de progredir financeiramente. Para Jesi, esse retorno após a revolta caracteriza um retorno temporal, no qual os sujeitos deixam de integrar o coletivo da revolta para retomarem aos seus problemas individuais:

Todavia, quando a revolta aconteceu, independentemente de seu êxito, cada um volta a ser indivíduo em uma sociedade melhor, pior ou igual a de antes. Quando acaba o confronto – pode-se estar preso, em um esconderijo ou tranquilamente em casa –, recomeçam as batalhas individuais cotidianas... (Jesi, 2018, p. 72).

Conforme Marx e Engels (2011), a união e organização dos trabalhadores em grupos não apenas constituíam uma ferramenta de luta, mas também um estilo de vida voltado à comunidade, com o propósito de sobreviver e de viver em coerência coletiva:

A verdadeira consequência de suas lutas não é a vitória imediata, mas a unificação cada vez mais abrangente dos trabalhadores. Estimula-a o crescimento dos meios de comunicação, que, criados pela grande indústria, põem os trabalhadores das mais diversas partes em contato uns com os outros. Basta, porém, esse contato para centralizar numa luta nacional, numa luta de classes, as muitas lutas locais, todas elas de caráter idêntico. Mas toda luta de classes é uma luta política Marx; (Engels, 2012, p. 38).

Por terem sido derrotados, o crescimento da resistência dos trabalhadores não correspondeu, conforme o esperado, ao crescimento progressivo da miséria, da opressão e da exploração. Contudo, tanto a revolta quanto a revolução serviram para que os operários descobrissem as forças e as fraquezas da união do grupo, e essa consciência não deixaria mais seus patrões tranquilos:

Os carvoeiros haviam descoberto seus pares, tinham experimentado sua força, sacudido com seu clamor de justiça os operários de toda França. E aquela derrota não deixava ninguém tranquilo, os burgueses de Montsou, invadidos em sua vitória por um surdo mal-estar dos dias que se seguiram à greve, olhavam para trás para ver se seu fim não os seguia, inevitável, no fim daquele grande silêncio. Eles compreendiam que a revolução renasceria sem cessar, amanhã talvez, com a greve geral a união de todos os trabalhadores, já dispondo de uma caixa de previdência, podendo suportar durante meses à base de pão. Desta vez, era ainda um golpe que desequilibrava a sociedade em ruína, e eles o tinham escutado ranger sob seus passos e sentiam a chegada de outros abalos, e mais outros, até que a velha edificação, aturdida, desmoronaria, sendo engolida como a Voraz, dentro do abismo (Zola, 2012, p. 522).

No fim, Étienne Lantier deixa Montsou, abandonando o ambiente de massacre dos trabalhadores da mina. Os parágrafos finais são impactantes, pois explicitam que sua passagem por ali foi breve, sabe-se que Lantier jamais retornaria àquela mina.

Por fim, *Germinal* (1885) não somente retrata a violência emergida do desespero, ao apresentar a revolta popular como uma reação necessária diante da opressão contínua, ainda que desorganizada e, por vezes, autodestrutiva, como também denuncia a falência da justiça social, evidenciando a fragilidade dos sindicatos ainda em formação e a atuação de um Estado que reprime a insurreição em defesa dos interesses da burguesia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *Germinal* (1885), Émile Zola funde a cientificidade do naturalismo com uma profunda sensibilidade social, criando uma obra que é, ao mesmo tempo, um experimento literário e uma denúncia vigorosa das contradições do capitalismo industrial. Embora seu objetivo inicial tenha sido mais científico do que político, o romance assume uma função social e histórica ao abordar, com rigor e proximidade da realidade, temas inspirados em movimentos sociais e políticos do século XIX. Dessa forma, a narrativa adquire um forte teor de denúncia ao concentrar-se nos grupos marginalizados da sociedade, demonstrando que o emprego de métodos científicos na literatura não desumaniza os personagens, mas intensifica a crítica social e torna suas consequências mais contundentes e inescapáveis.

O diálogo entre a narrativa literária e os conceitos teóricos sobre revolta e revolução é inevitável, já que a organização de uma greve pode ser interpretada como a tentativa de revolução, enquanto o confronto direto entre operários e policiais, configura-se como revolta consequente.

Dessa forma, o confronto direto da revolta ultrapassa o embate físico e assume uma dimensão simbólica e ideológica, em que os envolvidos projetam no inimigo a personificação de tudo aquilo que combatem. O rosto do inimigo torna-

se, como aponta Jesi (2018), o catalisador da insurreição, funcionando como um símbolo provocador capaz de mobilizar ações coletivas. Nesse contexto, a luta se configura menos como um ataque ao adversário concreto e mais como um enfrentamento àquilo que ele representa, convertendo-se em uma disputa entre forças moralmente antagonizadas, do bem contra o mal, independentemente das posições políticas ocupadas. A desumanização do inimigo, descrito como um monstro, reforça a coesão do grupo insurgente, que se vê como virtuoso e leal, disposto ao sacrifício por uma causa superior. Essa construção simbólica fortalece o sentimento coletivo de potência, ainda que as condições materiais e estratégicas estejam em desvantagem, revelando o papel decisivo da ideologia e do imaginário na sustentação das revoltas populares.

A revolta passa a ser compreendida como um fenômeno natural e inevitável: tal como as forças da natureza, a opressão prolongada desencadeia uma resposta.

Os grupos sociais da narrativa são fortemente marcados pelo determinismo socioeconômico, o que os tornam protagonistas do romance. O indivíduo, localizado às margens da sociedade, é atraído para o centro, onde se constitui o coletivo, que por sua vez, sobrepõe-se à individualidade, enaltecendo a ideia de generalidade social.

Desta maneira, o espaço social da narrativa é utilizado para compreender as posições sociais, lugar de existência de apenas grupos antagonistas, policiais e grevistas, que, quando colocados frente a frente, representam um antagonismo estrutural, em que de um lado está o braço armado e violento a serviço da elite, do outro, a opressão sofrida por anos pelos trabalhadores.

Ainda que se exclua a individualidade dentro do coletivo, a tentativa de revolução e a revolta subsequente modificam internamente cada participante, que não será o mesmo após os acontecimentos. Conforme visto em Étienne Lantier, que encarna a complexidade da liderança dentro de um movimento coletivo, revelando que, mesmo inserido em um grupo social, o indivíduo não abandona seus interesses e ambições pessoais. Inspirado em ideais marxistas, Lantier se transforma em uma

figura de referência entre os mineiros, despertando neles a esperança de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao longo da narrativa, a ascensão de Lantier evidencia uma transformação tanto pessoal, marcado pelo um determinismo hereditário que perpassa os Macquart, quanto política, à medida que ele deixa de ser apenas um operário desqualificado para tornar-se um porta-voz e líder do movimento. No entanto, essa trajetória é atravessada por tensões internas, sobretudo pela rivalidade com Chaval, que simboliza o embate pelos espaços de poder dentro do próprio grupo. O assassinato de Chaval, nesse sentido, concretiza os impulsos violentos herdados por Lantier, revelando a permanência da herança genética. Assim, Zola constrói um protagonista ambíguo, que transita entre o herói revolucionário e o anti-herói movido por vaidade, refletindo a complexidade dos movimentos sociais e os conflitos inerentes às dinâmicas de liderança.

Por fim, o romance *Germinal* (1885) apresenta fortes críticas às injustiças sociais do século XIX, evidenciando a brutalidade de um sistema capitalista que oprime. No entanto, a obra não apenas escancara a miséria e a opressão impostas aos trabalhadores, mas também legitima a revolta popular como um grito desesperado por justiça social e transformação.

REFERÊNCIA

CANDIDO, Antonio. **De cortiço a cortiço**. Novos Estudos, CEBRAP, nº 30, p.111-129. Julho de 1991. Disponível em < <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/antonio-candido-de-cortic3a7o-a-cortic3a7o.pdf> > Acesso em 28 de janeiro de 2023.

CARA, Salete de Almeida – **Marx, Zola e a Prosa Realista** / Salete de Almeida Cara. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CARPEAUX, Otto Maria. **O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo por Carpeaux**. – São Paulo: Leya, 2012. – (História da literatura ocidental; v. 7)

HAUSER, Arnold. **História social da Literatura e da Arte**. TOMO II. Tradução de Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1980. V. 1.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977;

JESI, Furio. *Spartakus. Simbologia da revolta*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo, n-1 edições, 2018.

JOSEPHSON, Mathew. **Zola e seu tempo**. Tradução de Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2ª edição, 1958.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. [1890]. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

MITTERAND, Henry. **Vida de Émile Zola**. In: ZOLA, Émile. *Germinal*. Tradução de Mauro Pinheiro. – São Paulo: Estação Liberdade, 2012. p. 525 – 556.

ROCHA, Everardo et alii. **O Paraíso do Consumo: Émile Zola, a magia e os grandes magazines** / Everardo Rocha, Marina Frid, William Corbo. – 1ª. ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SANTOS, Kassandra Naely Rodrigues dos. **O discurso científico e a representação do indivíduo e do coletivo: Uma análise literária de Les Rougon-Macquart, de Émile Zola**. 2025. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

TAINE, Hipólito. **Historia de la literatura inglesa**. 2. ed. Madrid: La España Moderna, 1939.

TROYAT, Henri. **Zola**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

WINOCK, Michel. **As vozes da liberdade: os escritores engajados do século XIX**. Trad. Eloá Jacobina. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ZOLA, Émile. **Germinal** [1885]. Tradução de Mauro Pinheiro – São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

ZOLA, Émile. **O Romance Experimental** [1880]. In: ZOLA, Émile. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Contribuição de Autoria

1 – Kassandra Naely Rodrigues dos Santos

Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha de pesquisa: Literatura, cultura e tradução; Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Licenciada em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA - 2017).

Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0003-3347-1928> • kah_naelly@hotmail.com

Contribuição: Escrita – Revisão e Edição, Metodologia, Supervisão, Administração do Projeto.

2 – Milena Hoffmann Kunrath

Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Alemã, e bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Mestre em Letras na área de Literatura Comparada pela UFRGS e Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0002-3335-1152> • milena.kunrath@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Conceituação, Validação - Análise Formal – Investigação.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

SANTOS, K. N. R. dos; KUNRATH, M. H. A simbologia da revolta em *Germinal* (1885) de Émile Zola. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e88422, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X88422>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/88422>. Acesso em: xx/xx/xxxx.